

## A constituição discursiva do sujeito Cipriano Algor em *A Caverna* de José Saramago

Karina Luiza de Freitas Assunção<sup>1</sup>

O trabalho que ora propomos realizar fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, que não considera o discurso como simples expressão do pensamento, e sim algo produzido a partir de uma dada exterioridade, carregando em seu interior elementos que estão interligados ao lugar social, histórico e ideológico no qual o sujeito está inserido. Este sujeito é heterogêneo, constituído por diversas vozes sociais, elencando em seu interior a história e a memória. A partir do aporte teórico mencionado, analisaremos alguns fragmentos do romance *A Caverna*, de José Saramago, observando como a memória corrobora a constituição discursiva do sujeito Cipriano Algor. Concluimos que, no romance, este sujeito, vai construindo seu discurso embasado em elementos anteriores e exteriores a ele. Contrapõem-se discursos produzidos em diferentes momentos sócio-históricos, ideologicamente marcados, produtos de uma dada exterioridade que corroboram a constituição de Cipriano como sujeito discursivo.

**Palavras-chaves:** discurso; sujeito; história; memória; sentido.

### **Abstract:**

Ao adentrarmos o campo dos estudos lingüísticos deparamo-nos com vários aportes teóricos, cada qual apresentando suas particularidades específicas. Particularidades essas, que vão, ao longo dos tempos, sofrendo mudanças de acordo com aspectos que vão surgindo no decorrer das pesquisas realizadas. Tendo em vista o profícuo campo de pesquisa, elegemos para a realização do presente trabalho a Análise do Discurso de linha francesa, que considera o discurso produto de uma dada exterioridade. O que entendemos por produto de uma dada exterioridade? Para analisarmos o discurso devemos romper com as amarras que o prendem às estruturas lingüísticas para lançar um olhar sobre a situação que envolve sua produção, pois é produto da interação do sujeito com o sócio-histórico-ideológico. Segundo Foucault (2003):

(...) mas como o conjunto das coisas ditas, as relações, as regularidades, e as transformações que podem ser aí observadas, o domínio do qual certas figuras e certos entrecruzamentos indicam o lugar singular de um sujeito falante e podem receber o nome de um autor. “Não importa quem fala”, mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade. (p.139)

---

<sup>1</sup> Aluna do programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, orientanda do professor Cleudemar Alves Fernandes e membro do Grupo de Estudo em Análise do Discurso (GPAD).

Considerando que o discurso é produto de uma dada exterioridade destacaremos ainda que o entendimento do funcionamento da memória discursiva é de suma importância, pois diz respeito a recorrências de enunciados, separando e elegendo aquilo que, de fato, dentro de um espaço histórico específico, pode surgir trazendo em seu interior uma atualização ou ser rejeitado em um novo acontecimento discursivo, portanto de natureza coletiva e em constante funcionamento.

Partindo dessas breves considerações, o presente trabalho tem como objetivo analisar alguns fragmentos, mas especificamente três fragmentos, do romance *A caverna* (2000) de José Saramago, observando como a memória corrobora para a constituição do sujeito Cipriano Algor, bem como na produção de sentidos.

## **1- Alguns apontamentos sobre discurso e sujeito**

A análise do discurso (doravante AD) recusa as concepções de discurso que o reduzem a expressão do pensamento ou simplesmente um instrumento de comunicação. O discurso implica uma exterioridade à língua, pois as palavras ao serem pronunciadas carregam em si aspectos que remetem para o lugar social, histórico e ideológico no qual o sujeito está inscrito, sendo assim, os discursos estão sempre em movência, pois sofrem a todo o momento as alterações do meio. Segundo Foucault (2004), o discurso carrega em seu interior um “tesouro” fecundo que apresenta sempre a possibilidade, de a cada nova leitura, depararmos com interpretações imprevisíveis, que possui regras de aparecimento, bem como, de apropriação e de utilização. Foucault destaca ainda, em outro momento, que o discurso é uma dispersão de elementos, que “com suas lacunas, falhas e desordens e superstições, incompatibilidades, trocas e substituições \_\_ podem ser descritas em sua singularidade” (2004, p.82). Enfatiza que isso só será possível se compreendermos as regras que determinam sua formação.

Segundo o mesmo autor, mas em outra obra *A ordem do discurso* (1990):

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos números de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (p.9)

O sujeito tem a falsa ilusão de que possui o domínio sobre seus dizeres, mas isso não passa realmente de uma ilusão, pois quem determina o que pode e vai ser dito é o meio no qual o sujeito está inserido.

O discurso é instituído por Pêcheux (1990) como:

A partir do exemplo de um acontecimento, o do dia 10 de maio de 1981, a questão teórica que coloco é pois, a do estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é assim ou não, e x ou y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas. (p.28)

O discurso deve ser considerado como um lugar do não estável, do não lógico, do não aparente, podemos verificar isso no seu próprio funcionamento. Ele é produzido historicamente e disperso ao mesmo tempo, é peculiar no sentido de que sua historicidade é única e não se repete. Sendo que o acontecimento não é algo factual, datado cronologicamente, mas disperso e descontínuo. Segundo Pêcheux (1990), o próprio discurso possibilita “desestruturação-reestruturação” da teia de sentidos que é produzida a sua volta. (p.56)

Para a AD, o sujeito não é idealizado, individualizado, nem fonte absoluta de seus dizeres e não o reconhecemos através dos elementos gramaticais. Sua fala se constitui por um conjunto de vozes sociais, bem como o entrecruzamento de diferentes discursos que remetem para o contexto sociocultural e histórico no qual está inserido.

Deparamos com um sujeito descentrado, clivado, heterogêneo, apreendido em um espaço coletivo, interpelado por ideologias, que não é constituído em uma individualidade e sim a partir de uma coletividade que o interpela. De acordo com Fernandes (2005):

Com isso, afirmamos que o sujeito, mas especificamente o sujeito discursivo, deve ser considerado sempre como um ser social, aprendido em um espaço coletivo, portanto, trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim em um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro.” (p.34)

Portanto, o sujeito é constituído por diversas vozes sociais, que marcam a relação conflituosa que é estabelecida por meio da linguagem, deparamos assim, com elementos provenientes da história e da memória permeando o campo discursivo.

## **2- A história e a memória na constituição do sentido na AD**

Na constituição da Análise do Discurso como um campo teórico de estudo, o entendimento a cerca da história é de fundamental relevância, pois segundo Orlandi (2007, p.11), “eu diria que ao inscrever-se na língua o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, daí resultando uma forma sujeito histórico.”

Segundo Burke (1992), a história tradicional apresenta uma visão concentrada em grandes feitos históricos, destacando sempre os grandes homens, generais e estadistas, limitando assim, o restante da população ao esquecimento. Os historiadores tradicionais utilizam como fonte para a sua pesquisa apenas os documentos, sendo que a história é vista como algo objetivo, que deve relatar os fatos como realmente aconteceram. Sua preocupação centrava em questões políticas, delegando ao esquecimento os acontecimentos que não se relacionavam com esse ambiente.

Observamos que esse olhar sobre os fatos histórico modifica-se, refletindo as próprias mudanças que ocorrem em nossa sociedade. O tratamento dado aos acontecimentos históricos sofre fragmentações, com o advento da história nova notamos que o interesse se volta para todas as atividades humanas, sua base filosófica está centrada na idéia de a realidade é social ou culturalmente construída. Há uma ruptura com o tradicional, os acontecimentos cotidianos passam a fazer parte da história, além de haver uma quebra com a linearidade dos acontecimentos. O mérito do historiador social “é mostrar como ele de fato faz parte da história, relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos, como a Reforma ou a Revolução Francesa.” (BURKE, 1992 p.24)

Um outro conceito, para o entendimento da AD, a ser mencionado é memória discursiva que em um primeiro momento poderia ser entendida simplesmente como a capacidade que os sujeitos apresentam de arquivar acontecimentos, ingênuo engano reduzir a memória simplesmente a essa capacidade.

Cunhado por Curtine em 1981, possibilita a toda formação discursiva produzir e reproduzir formulações anteriores, que em algum momento histórico já foi enunciada. A memória permitirá assim, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados que pertencem a formações discursivas historicamente posicionadas. Os sentidos são condicionados pelo modo com que os discursos se inscrevem na história e não pela vontade do sujeito. Segundo Gregolin (2007):

As redes de memórias, sob diferentes regimes de materialidade, possibilitam o retorno de temas e figuras do passado, os colocam intensamente na atualidade, provocando sua emergência na memória do presente. Por estarem inseridos em diálogos

interdiscursivos, os enunciados não são transparentes legíveis, são atravessados por falas que vêm de seu exterior \_\_ a sua emergência no discurso vem clivada de pegadas de outros discursos. (p.71)

A memória discursiva está associada as condições de produção dos discursos. Segundo Paveau (2007):

A memória no discurso (a expressão é nossa) sob forma discursiva ou interdiscursiva, está, com efeito, estritamente ligada às condições sócio-histórica e cognitivas de produção dos discursos, que participam da elaboração e da circulação das produções verbais de sujeitos social e culturalmente situados. (p.241)

Destacamos ainda, que o sujeito está interligado com o discurso da memória, pois é um sujeito que traz sempre em seu discurso marcas de algo já vivenciado. Segundo Pesavento (2007):

É sempre um sujeito que rememora, como aponta Bérqson, um indivíduo que evoca o tempo do vivido, que resgata lembranças, de forma seletiva, e que também esquece e exclui, de forma consciente ou inconsciente. Mas, pondera Fernando Catroga, mesmo” a memória individual é formada pela coexistência, transional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e as conseqüentes alterações ocorridas no campo das re-presentações do pretérito.” (p.41)

A noção de memória discursiva exerce, portanto, uma função ambígua no discurso, na medida em que recupera o passado e, ao mesmo tempo, o elimina com o apagamento que opera.

(...) ela repete um deslocamento não-conhecido, não reconhecido, que desloca no enunciado, uma repetição que é simultaneamente presente/ausente nas séries de formulações, ausente porque funciona como um modo de não – reconhecimento e presente em seu efeito, a repetição na ordem de uma memória lacunar. (COURTINE, p.81, 2006)

Vinculado à noção de história e memória deparamo-nos com o sentido que em um primeiro momento poderíamos analisar como sendo a interpretação que realizamos de um dado discurso. É uma grande ilusão do analista do discurso entender o sentido como sendo o que simplesmente afirmamos. Segundo Gregolin (2007):

Os efeitos de sentido que circulam nos discursos produzidos em uma sociedade, constroem, com as formas discursivas típicas de cada um desses diversos gêneros, as representações do imaginário de uma certa época. (p.63)

Na relação discursiva é que as imagens constituem as diferentes posições e assim fazem de fato, algum sentido. Vale ressaltar que este sentido não está nas palavras, mas antes delas e depois delas. Além do que, os sentidos não estão irrevogavelmente dependentes das intenções, mas permeados e atravessados pelas suas próprias relações com uma formação discursiva peculiar e com uma memória. Portanto, não existe sentido em si, ele é fruto de colocações de caráter ideológico fazendo com que as palavras mudem de sentido de acordo com as posições em que são enunciadas, apreendidas em uma dada exterioridade. Segundo Fernandes (2005):

A noção de sentidos é dependente da inscrição ideológica da enunciação, do lugar histórico-social de onde se enuncia; logo envolve os sujeitos em interlocução. De acordo com as posições dos sujeitos envolvidos, a enunciação tem um sentido e não outro (s). (p.27)

Partindo das considerações acima podemos destacar que a história não é considerada cronologicamente, mas sim fragmentada, sem uma preocupação com a linearidade. A memória é de natureza coletiva, trazendo em seu interior acontecimentos anteriores e exteriores ao discurso, possibilitando a retomada de algo que foi mencionado anteriormente, o que torna o enunciado novo é o acontecimento a sua volta.

Sendo assim, o sujeito não é fonte de seus dizeres, vai construindo seu discurso retomando elementos anteriores e exteriores a ele. Contrapondo discursos produzidos em diferentes momentos sócio-históricos, ideologicamente marcados, produtos de uma dada exterioridade que corroboram na constituição discursiva do sujeito.

### **3- O Sujeito Cipriano Algor**

Em *A Caverna* (2000) deparamos com Cipriano Algor, um oleiro, morador de uma aldeia e fornecedor de louça de barro para o Centro de Compras. Sua existência seguia uma regularidade, até que em um determinado momento ele se vê diante de uma crise não apenas financeira, mas também existencial. O Centro recusa sua mercadoria, porque uma outra entra no mercado, mudando assim o gosto dos consumidores, que passam a comprar as peças de plástico. Há uma padronização dos produtos, agora de plástico, despersonalizando esse sujeito e criando um mercado impessoal.

Cipriano depara-se com um dilema que é a desvalorização do trabalho artesanal pela supervalorização do trabalho industrial. Ou seja, tradição X modernidade. De um lado,

o mundo do barro que provém da terra, da natureza; do outro, o plástico que a tecnologia oferece como meio de facilitar a vida das pessoas em um mundo capitalista.

Atrelado a isso, seu genro Marçal, segurança do Centro, é promovido à guarda residente e é convidado a morar no Centro junto com a esposa. Cipriano não entende de início as razões do genro querer tanto morar no Centro, porém termina por aceitar morar com o seu genro, já que sua profissão e conseqüentemente suas mercadorias tornaram-se obsoletas. A partir desse momento, sogro e genro vão descobrir as mazelas do Centro, e Cipriano, principalmente, reflete sobre a vida moderna e tudo que ela implica.

Cipriano é o ponto principal escolhido pelo autor para mostrar a natureza humana e os reflexos da vida urbana na mesma, ele é quem questiona, reflete e avalia. Isso fica claro em seus diálogos, seja com a filha, com o genro ou mesmo com o gerente de compras do Centro de Compras<sup>2</sup>.

O que chama nossa atenção no romance são justamente estes questionamentos que vão constituindo o personagem, pois estão elencados a eles a história e a memória.

Arrumou a furgoneta numa esquina de onde se avistava, à distância de três extensos quarteirões, uma nesga das fachadas descomunais do Centro, precisamente a que corresponde à parte que é habitada. Exceptuando as portas que abrem para o exterior, em nenhuma das restantes frontarias há aberturas, são impenetráveis panos de muralhas onde os painéis suspensos que prometem segurança não podem ser responsabilizados por tapar a luz e roubar o ar a quem dentro deles vive. Ao contrário dessas fachadas lisas, a frente virada para este lado está crivada de janelas, centenas e centenas de janelas, milhares de janelas, sempre fechadas por causa do condicionamento da atmosfera interna. (SARAMAGO, 2000, p.100)

O olhar de Cipriano se mantém afastado, observando com detalhe a constituição daquele lugar, que, em uma primeira leitura, poderíamos dizer que ele o considera muito seguro, “impenetráveis”, mas, na realidade, não é bem assim que Cipriano vê esse lugar. No decorrer de seu discurso, alguns vocábulos empregados por ele chamam nossa atenção: “frontarias há aberturas, são impenetráveis”, “segurança”, “roubar”, “sempre fechadas”, remetem para o fato de que para estarmos seguros precisamos de espaços fechados que não possibilitam a entrada de nenhuma pessoa estranha, esses espaços passam a se constituírem verdadeiras prisões. Além do que esse espaço, segundo ele, está impedindo os sujeitos de terem acesso ao “ar” puro, a essência da vida.

---

<sup>2</sup> Shopping Center.

Há, nessa citação, o entrecruzamento de diferentes formações discursivas<sup>3</sup> \_\_ históricas e ideológicas \_\_ que constituem o sujeito e que revelam uma dada realidade social, levando o leitor a refletir sobre o momento histórico no qual estamos inseridos. Momento esse, que exige a procura de lugares que denotem segurança, isso se faz necessário uma vez que vivemos em uma sociedade com altos índices de violência, que amedrontam, fazendo com que nos recolhamos em verdadeiras “prisões” para podermos afirmar que “aqui” estamos realmente seguros.

Arelado a essa questão, notamos ainda um outro aspecto a ser mencionado: os sujeitos freqüentadores desse lugar se fecham para o que acontecem ao seu redor, vivem enclausurados, consomem desvairadamente os bens, que, na maioria dos casos, são apresentados, por um discurso capitalista, como imprescindíveis para a sobrevivência do homem moderno. Os discursos produzidos pelo Centro de Compras são embasados em técnicas de condicionamentos que para a maior parte desses sujeitos são imperceptíveis.

Segundo Foucault (1991), essa forma de organização estrutural do “centro” fechado em si, corrobora para a submissão dos sujeitos ao que é ditado pela sociedade de consumo, bem como para a disciplinarização desses sujeitos, fazendo com que olhem apenas para o que faz parte daquele mundo fechado entre paredes e janelas.

Cipriano Algor sentou-se num velho banco de pedra que o avô fizera colocar ao lado do forno, apoiou os cotovelos nos joelhos, o queixo nas mãos juntas e abertas, não olhava a casa nem a olaria, nem os campos que se estendiam para lá da estrada, nem os telhados (...) Não tinha pensamentos nem sensações, era apenas o maior daqueles pedacinhos de barro, um torrãozito seco que uma leve pressão de dedos bastaria para esfarelar, uma pragana que se soltara da espiga e era transportada pelo acaso de uma formiga, uma pedra aonde de vez em quando se acolhia um ser vivo, um escaravelho, ou uma lagartixa, ou uma ilusão. (p.127)

Cipriano sente necessidade de retomar as tradições familiares, essa busca faz parte desse momento pelo qual o sujeito está passando, seu avô é resgatado não somente nesta

---

<sup>3</sup> Segundo Foucault, encontraremos uma formação discursiva “No caso em que se puder descrever, entre certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva \_\_ evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e conseqüências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade”. Chamaremos de regras de formação os elementos dessa repartição (objetos, modalidade de enunciação, conceitos, escolhas temáticas). As regras de formação são condições de existência (mas também de coexistência, de manutenção, de modificação e de desaparecimento) em uma dada repartição discursiva. “(p.43) In: *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 7ªed.

cena, mais em muitas outras, como busca de um refúgio por conta daquilo que o sujeito Cipriano não tinha mais como evitar.

Quando afirma que “não tinha pensamentos nem sensações” e “era apenas o maior daqueles pedacinhos de barro” notamos que o sujeito se sente muito fragilizado e fragmentado perante a situação que não tem mais como reverter. Situação essa que desorganizou todo o seu ser, passando a ser um sujeito interpelado pela modernidade, modernidade esta que faz com que os sujeitos sintam-se sem direção, confusos sobre realmente quem são, ansiando certa “segurança”<sup>4</sup> que atualmente está muito difícil ser alcançada.

Deixa para trás um sujeito uno, centrado em si como o do Iluminismo,<sup>5</sup> para tornar-se o sujeito pós-moderno que se perde no emaranhado de informações e posicionamentos. Notamos ainda, o declínio de antigas civilizações que, em até um dado momento acreditavam possuir uma “estabilidade”, para se tornar algo que não consegue identificar ou apenas passe a ser uma simples “ilusão”.

Eu compreendo que tenha sido um choque para si, como também, mesmo ser estado lá, o foi para mim, compreendo que aqueles homens e aquelas mulheres são muito mais do que simples pessoas mortas, Não continues, por eles serem muito mais do que simples pessoas mortas é que não quero continuar a viver aqui, E nós, e eu, perguntou Marta, Decidireis da vossa vida, eu já decide da minha, não vou ficar o resto dos dias atado a um banco de pedra a olhar para uma parede, Tenho o dinheiro que pagaram pelos bonecos, dará para um ou dois meses, depois logo verei, não me referi ao dinheiro, de uma maneira ou de outra não lhe faltará o necessário para se alimentar e

---

<sup>4</sup> Segundo Bauman, “O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente, “nem-um-nemoutro”, torna-se a longo prazo uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” \_\_ ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa \_\_ é algo cada vez mais malvisto.” (p.35) In:*Identidade: entrevista a Bedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>5</sup> Stuart Hall apresenta-nos três concepções de sujeito: sujeito do Iluminismo – o sujeito é o centro de seus dizeres; sujeito sociológico - ainda é o centro, mas se constitui a partir da interação que estabelece com outros sujeitos; e sujeito pós- moderno – fragmentado; composto não de uma única, mas várias identidades algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Segundo ele ainda, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas.” (p.12) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

vestir, o que quero dizer é que terá de viver sozinho, Tenho Achado, e vocês irão fazer-me uma visita de vez em quando. (SARAMAGO, p. 337)

Cipriano decide abandonar o centro de compras, já que aquela vida reduzida a “um banco de pedra a olhar para a parede” não lhe agrada, uma vez que é um sujeito interpelado por ideologias que não coincidem com as que estão instauradas naquele meio. Para ele, o dinheiro é algo que só é importante para adquirir os bens de primeira necessidade, não precisando de muito. Sua decisão está embasada em formações ideológicas que configuram a simplicidade da vida, sendo esquecidas por muitos a partir do momento que adentram às portas do “Centro de Compras”. Neste momento, fica muito claro como a história e a memória permeiam a todo o momento a constituição dos discursos, pois quando o sujeito Cipriano afirma que não quer mais ficar no Centro, pois compreendeu “que aqueles homens e aquelas mulheres são muito mais do que simples pessoas mortas,” notamos, com muita clareza, a retomada do Mito da Caverna de Platão.

### **Considerações finais**

Partindo dessas breves considerações a cerca do romance *A Caverna* (2000), da constituição do sujeito Cipriano Algor, podemos notar que Análise do Discurso de linha francesa é um campo profícuo de estudo, pois permeiam em sua constituição elementos da história e memória que corroboram na constituição do sentido nos discursos. Segundo Foucault (2004):

A esse tema se liga um outro, segundo o qual todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito; e que este já-dito não seria simplesmente uma frase já pronunciada, um texto já escrito, mais um “jamais-dito”, um discurso sem corpo, uma voz tão silenciosa quanto um sopro, uma escrita que não é senão o vazio de seu próprio rastro. Supõe-se, assim, que tudo que o discurso formula já encontra articulado nesse meio-silêncio que lhe é prévio, que continua a correr obstinadamente sob ele, mas que ele recorta e faz calar. (p.28)

Notamos que esse movimento e retomada de um “já-dito” não é aleatório, pois seu enunciador está inscrito em um dado momento histórico, que retoma outros momentos que estão inscritos em uma memória discursiva.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BURKE, P. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história**. São Paulo: EDUNESP, 1992, p.7-37.

COURTINE, J, J. **Metamorfose do discurso político**: as derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

FERNANDES, C, A. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, 7.ed.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

GREGOLIN, M. do R. V. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In: **Análise do discurso**: as materialidades do sentido. Gregolin, M, R. Baronas, R. (org) São Carlos: Editora Claraluz, 2007, 3ªed.

PAVEAU, M. A. Reencontrar a memória: percurso epistemológico e histórico. In: **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PEAVENTO, J. S. Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado. In: **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

SARAMAGO, J. **A caverna**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.